

Entre Kardec e Roustaing: embates e acomodações no interior da Federação Espírita Brasileira

Between Kardec and Roustaing: conflicts and accommodations within the Brazilian Spiritist Federation

Pedro Paulo Amorim *
Artur Cesar Isaia **

Resumo

Neste texto perseguimos a polêmica presença do pensador francês Jean-Baptiste Roustaing no cenário espírita brasileiro, compondo-se com a obra de codificação de Allan Kardec. Tomamos, como ponto de referência, o papel de coordenador e representativo da Federação Espírita Brasileira (FEB) no processo, tanto de afirmação da presença de Roustaing ao lado de Kardec, quanto de posterior retirada da obra roustainguista, como leitura reconhecida e recomendada por aquela instituição. Concluimos pelo reconhecimento da importância da permanência da obra de Roustaing como bibliografia avalizada pela FEB, o que, sem dúvida, indica para jogos de poder e de identidade no interior do movimento espírita brasileiro.

Palavras-chave: Allan Kardec. Jean-Baptiste Roustaing. Espiritismo.

Abstract

In this paper we pursue the controversial presence of the French thinker Jean-Baptiste Roustaing in the Brazilian spiritist scene, in conjunction with the work of Allan Kardec's codification. We take as a point of reference the coordinating and representative role of the Brazilian Spiritist Federation (FEB) in the process, both of affirming Roustaing's presence alongside Kardec, and the subsequent withdrawal of Roustaing's work as recognized and recommended reading by that institution. We conclude by recognizing the importance of Roustaing's work remaining as a bibliography endorsed by the FEB, which undoubtedly points to power and identity games within the Brazilian spiritist movement.

Keywords: Allan Kardec. Jean-Baptiste Roustaing. Spiritism.

Artigo submetido em 04 de dezembro de 2023 e aprovado em 03 de dezembro de 2024.

* Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestre em História Cultural pela mesma universidade. Bacharel e Licenciado em História pela UFSC. País de Origem: Brasil. ORCID: 0000-0003-2425-7823. E-mail: pedropaulo.amorim@gmail.com.

** Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0002-7195-8027. E-mail: isaia@cfh.ufsc.br.

Introdução

A Pesquisa Datafolha (Cinquenta [...], 2020), publicada no dia 13 de janeiro de 2020 pelo jornal Folha de São Paulo, a respeito da distribuição das religiões no Brasil, mostra que 50% dos brasileiros são católicos, 31% evangélicos, 10% não têm religião e 3% são espíritas. De acordo com os últimos dados do censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), o Brasil possui uma população de 203.062.512 (IBGE, 2023). No Brasil, o censo passou a coletar dados sobre a religião espírita no ano de 1940. À época, 463.000 pessoas se declararam espíritas. No censo de 2000, o IBGE informou que 2.262.401 pessoas se autodeclararam espíritas e no relatório do censo seguinte, referente ao ano de 2010, foi a vez de 3.800.000 se autodeclararem espíritas, com um significativo aumento de 70,12%. Dessa forma, analisar, debater, comentar ou estudar temas ligados à religião e, em particular, ao Espiritismo mostra-se bastante relevante para os estudos referentes ao campo da História.

O Espiritismo¹ possui suas raízes ligadas aos fenômenos que ficariam conhecidos, mais tarde na história, como “mesas girantes e falantes”², iniciado em 31 de março de 1848, em Hydesville, pertencente a cidade de Arcadia, próximo à vila de Newark, no Condado de Wayne, no Estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América.

2 – Allan Kardec

No início da década de 1850, os fenômenos das mesas girantes e falantes achavam-se difundidos em meio aos salões da sociedade francesa, encarados como o grande divertimento daqueles dias (Aubrée; Laplatine, 1990, p. 31-32). Em razão disso, Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804 – 1869), pedagogo francês bastante conhecido em sua época em razão da publicação de inúmeros livros com

¹ Neste artigo, o termo Espiritismo é utilizado para se referir ao corpo teórico-doutrinário desenvolvido, inicialmente, pelo pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido pelo pseudônimo Allan Kardec. Em meados do século XIX, Rivail adotou o uso de um pseudônimo, a fim de, em primeiro lugar, evitar confusões devido ao seu extenso e conhecido trabalho no mundo científico francês da época; em segundo, para proteger o nome de sua família, muito conhecida na magistratura francesa e, finalmente, devido a uma comunicação mediúmica na qual seu guia relatara terem ambos vividos juntos uma existência anterior nas Gálias, como druidas. Assim, Rivail viveu sob o nome de Allan Kardec (Wantuil; Thiesen, 2004). Também sobre tal aspecto da vida de Kardec, autores como Aubrée e Laplatine advogam as ideias de que essa identidade representa uma tentativa de diminuir o peso de uma herança católica francesa, recorrendo a um passado celta, pré-cristão, em que se endossava a crença reencarnacionista (Aubrée; Laplatine, 1990).

² Sobre a história desses fenômenos nos Estados Unidos da América e na Europa devemos consultar entre outros: Aubrée e Laplatine (1990); Damazio (1994); Doyle (1978); Santos (2004); e Wantuil e Thiesen (2004).

temas ligados a educação, membro de tradicional família de juristas católicos, travou seu primeiro contato com as mesas girantes por meio do convite de seu amigo e magnetizador Fortier, em fins do ano de 1854 (Wantuil; Thiesen, 2004).

Com 10 anos, Rivail foi enviado, por seus pais, para ser educado na Escola de Pestalozzi, em Yverdun (Suíça), tornando-se um dos mais eminentes discípulos desse célebre professor e um dos principais divulgadores do seu sistema de educação, que tão grande influência exerceu sobre a reforma do ensino na França e na Alemanha (Wantuil; Thiesen, 2004).

Alguns anos mais tarde, por volta de 1822, Rivail retornou à França e se estabeleceu em Paris. Profundo conhecedor da língua alemã e inglesa fez diversas traduções para esses idiomas e, em dezembro de 1823, lançou seu primeiro livro de cunho pedagógico: *Curso prático e teórico de Aritmética*, segundo o método Pestalozzi, para uso dos professores e das mães de família. Três anos mais tarde, em 1825, fundou e dirigiu a *Escola de Primeiro Grau*, seu primeiro estabelecimento de ensino na cidade de Paris. Já em 1826, fundou a *Instituição Rivail*, também em Paris, a qual funcionava segundo o método desenvolvido por Pestalozzi, com algumas modificações, funcionando até 1834. Em 1832 casou-se com a professora Amélie Gabrielle Boudet, sua colaboradora na instituição. Foi membro da Academia Real de Arras, onde, em 1831, foi premiado pela notável *Memória sobre a educação pública* a respeito da seguinte questão: “Qual o sistema de estudos mais em harmonia com as necessidades da época”?³.

Como já mencionado, o Espiritismo surgiu na França em 1857 na sequência dos episódios ligados ao Espiritualismo Moderno, sob a supervisão e coordenação de Allan Kardec, fornecendo, alguns anos depois, uma expressão filosófico-doutrinária aos acontecimentos iniciados em Hydesville. Primeiramente, com a publicação do *O Livro dos Espíritos*, referente à sua parte filosófica, e nos anos seguintes mais outros quatro livros completaram o chamado Pentateuco Kardequiano: *O Livro dos Médiuns*, relativo à parte experimental e científica, de janeiro de 1861; *O Evangelho segundo o Espiritismo*, relativo à parte moral, de abril de 1864; *O Céu e o Inferno, ou A justiça de Deus segundo o*

³ Todas as informações sobre a formação de Kardec foram retiradas de Wantuil e Thiesen (2004).

Espiritismo, de agosto de 1865 com nova interpretação das penas espirituais após a morte; e *A Gênese, Os Milagres e as Predições*, de janeiro de 1868, com nova abordagem em relação a várias questões de ordem filosófica e científica, apresentando novas leis decorrentes da observação dos fenômenos à luz dos paradigmas espíritas.

3 Jean-Baptiste Roustaing

Jean-Baptiste Roustaing nasceu em 15 de outubro de 1805 em Sègles, França, oriundo de família muito pobre, teve uma juventude cheia de dificuldades. Em razão disso, iniciou a trabalhar bem cedo, a fim de financiar seus próprios estudos (Martins, 1987, p. 19). Entre 1823/26, tornou-se professor de Literatura, Ciências e Filosofia em Toulouse, com o dinheiro amealhado conseguiu financiar seus estudos em Direito (Martins, 1987). Em 1830, passou a trabalhar como advogado e, alguns anos depois, regressou para Bordeaux. Entre 1848 e 1849, tornou-se Bastonário (presidente) da Ordem dos Advogados de Bordeaux, aos 42 anos, com grande prestígio e realizado economicamente (Martins, 1987).

No ano de 1853, como muitos no continente Europeu, travou contato com fenômenos das “mesas girantes e dançantes”, também bastante popular em Bordeaux. Ainda que sua primeira impressão fora de incredulidade (Martins, 1987, p. 19).

Entre os anos de 1858 e 1861 sofreu longa enfermidade e no início desse último ano, Roustaing voltou à advocacia e decidiu se informar sobre os fenômenos citados por meio do estudo, exame, observação e experimentação. Primeiramente, lê *O Livro dos Espíritos*, depois *O Livro dos Médiuns*, a seguir pesquisa nos livros de história da Antiguidade até os seus dias, de que maneira os diversos povos se relacionavam e tratavam as comunicações do mundo espiritual com o mundo material, depois, consultou os livros da filosofia profana e religiosa, antiga e recente, os prosadores e os poetas que refletiam as crenças, e os costumes dos diversos tempos, também o *Velho* e o *Novo Testamento*, conforme nos relata o próprio Roustaing na introdução de seu livro *Os Quatro Evangelhos* (Roustaing, 1983, p. 59).

Em maio de 1865, ficou pronta a primeira edição de seu livro: *Os Quatro Evangelhos – A Revelação da Revolução*, seguidos dos mandamentos explicados em espírito e verdade pelos Evangelistas, assistidos pelos Apóstolos e Moisés, recebidos e coordenados por Jean-Baptiste Roustaing (Martins, 1987, p. 29). Após longa moléstia, Roustaing morreu em 2 de janeiro de 1879 no seu domicílio, em Bordeaux, com 73 anos de idade (Martins, 1987, p. 29). Em 1880, completou-se a primeira tradução de *Os Quatro Evangelhos* para o português, por João Kahl. Em 1909, a FEB publica a 1ª edição com a tradução de Guillon Ribeiro (Martins, 1987, p. 40-45).

4 Kardec e o Roustainguismo

A conturbada relação entre a Doutrina Espírita e o Roustainguismo na França e aqui no Brasil foi analisada detalhadamente na Dissertação de Mestrado de Amorim (2011). Nessa dissertação é abordada as flagrantes inconsistências e distorções do Roustainguismo em relação ao Espiritismo, como também as brigas, dissensões e cisões no interior do Movimento Espírita Brasileiro, decorrentes da sua implementação. Dessa maneira, aqui nos fixaremos apenas em alguns aspectos dessa longa caminhada.

A primeira vez que Kardec se refere de forma pública sobre a obra de Roustaing foi por meio da Revista Espírita⁴ de junho de 1866. Nessa ocasião, declarou que o livro versava sobre questões polêmicas que somente o tempo poderia saná-las, e que as explicações ali contidas seriam opiniões pessoais dos espíritos e do autor, em razão da não observância do princípio do controle universal tão caro a Kardec (2001, p. 129).

Começamos, então, pela tese central do livro de Roustaing, o docetismo⁵ ou o corpo fluídico⁶ de Cristo. Na Revista Espírita, Kardec ponderou sobre o

⁴ A Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos – (*La Revue Spirite – Journal d'Études Psychologiques*) foi fundada em 1º de janeiro de 1858, por Allan Kardec, que a editou até sua morte, em 31 de março de 1869. Editada mensalmente, é composta de 12 volumes, referentes aos anos de 1858 a 1869. Nela, Kardec procura explicar os fatos que aconteciam à época, à luz da Doutrina Espírita, escrevia artigos, comentava obras espíritas, dialogava com adeptos e detratores do Espiritismo, editava mensagens. Após o falecimento de Kardec, a revista continuou sendo publicada na França, com interrupções (Nota dos autores – N.A).

⁵ Docetismo (do grego [*dokeō*], “para parecer”) é o nome dado a uma doutrina cristã do século II, que defendia que o corpo de Jesus Cristo era uma ilusão e que sua crucificação teria sido apenas aparente (Ferreira, 1999, n.p).

⁶ De acordo com o Espiritismo, o homem é formado de três partes: 1) o corpo, que é análogo ao dos animais; 2) a alma, espírito encarnado, que tem no corpo sua habitação; 3) o princípio intermediário, ou perispírito, que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo. Portanto, a alma é revestida por esse envoltório ou corpo fluídico, chamado perispírito. Esse invólucro é retirado do fluido universal de cada globo pelo espírito que lhe dá a forma que deseja. Daí

controverso assunto, quando escreveu que

[...] dá ao Cristo, em lugar de um corpo carnal, um corpo fluídico concretizado, tendo todas as aparências da materialidade, e dele faz um *agênere*. Aos olhos dos homens que não teriam podido compreender, então, sua natureza espiritual, teve que passar *EM APARÊNCIA*, essa palavra é incessantemente repetida em todo o curso da obra, para todas as vicissitudes da Humanidade. Assim se explicaria o mistério de seu nascimento: Maria não teria tido senão as aparências da gravidez. Este ponto, colocado por premissa e pedra angular, é a base sobre a qual se apoia para explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus. [...] Sem prejudicá-la, diremos que já foram feitas objeções sérias a essa teoria, e que, na nossa opinião, os fatos podem perfeitamente se explicar sem sair das condições da Humanidade corpórea (Kardec, 2001, p. 129-130).

De início, Kardec mostra essa doutrina como uma possibilidade não descartável, porém, sujeita à confirmação posterior. Mais tarde, Kardec, no seu último livro *A Gênese*, condena em definitivo a concepção docetista como parte integrante da Doutrina Espírita, ao escrever que Jesus Cristo, como homem, tinha a organização dos seres carnis e que a sua superioridade com relação aos seres humanos não derivava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu Espírito (Kardec, 1980, p. 395).

Outro aspecto que chama a nossa atenção no livro de Roustaing, em decorrência de sua tese central, é referente ao parto de Maria mãe de Jesus Cristo, quando afirma que tanto o parto quanto a gravidez deram-se apenas na aparência, pois deveria ser assim, a fim de que Maria acreditasse ter tido um parto como todas as mães (Roustaing, 1983, p. 195).

Ainda em decorrência do corpo fluídico, destacamos alguns aspectos descritos no livro em relação à primeira infância de Jesus. Segundo Roustaing, para alimentar o seu bebê, Maria como qualquer outra mãe lhe dava o seio, porém, o leite era desviado pelos espíritos superiores, pois o menino não precisava dele, sendo assim, restituído ao sangue da mãe em razão de uma ação fluídica, sem que ela percebesse (Roustaing, 1983, p. 243).

Apenas com uma rápida leitura da Bíblia cristã, podemos encontrar várias passagens em que os evangelistas relatam o comparecimento e a permanência de

porque, passando de um mundo para outro, o espírito muda de envoltório, como mudamos de roupa (Carneiro, 1996, p. 71-75).

Jesus em festas e banquetes, como nas Bodas de Caná e também na Última Ceia com seus discípulos. Esses relatos são levantados de forma sistemática pelos opositores de Roustaing, a fim de contradizerem a sua tese em relação ao corpo fluídico de Cristo (Tourinho, 1999, p. 52).

Além disso, há outra afirmação em *Os Quatro Evangelhos*, merecedora de destaque, pois também é capaz de promover grande controvérsia no interior do campo espírita. Essa informação diz respeito à encarnação de Jesus:

Mas, não o esqueçais: todo aquele que reveste a carne e sofre, como vós, a encarnação material humana é *falível*. Jesus era demasiadamente puro para vestir a libré do culpado. Sua natureza espiritual era incompatível com a encarnação material, tal como a sofreis. Sua encarnação foi qual vos temos anunciado. Ele não esperou, sepultado no seio de uma mulher, a hora do nascimento (Tourinho, 1999, p. 166).

Como podemos observar, Roustaing partiu do princípio da culpa, segundo o qual todo espírito encarnado já faliu, em consequência, é culpado. Desse modo, uma vez que Jesus era um espírito que nunca falira, ainda consoante com Roustaing, não seria necessário passar pelo processo reencarnatório, quebrando um dos principais postulados do Espiritismo, ou seja, a encarnação e a reencarnação, por meio das quais operam as leis da evolução e de causa e efeito. Para Tourinho (1999, p. 50), o conceito, segundo o qual somente espíritos culpados e decaídos animam os corpos, é uma ideia católica, consequência da concepção do pecado original, conceito em franca oposição ao entendimento espírita.

Outra questão polêmica em relação à obra kardequiana diz respeito a forma como Roustaing apresenta seu livro. Kardec denominou o Espiritismo como a Terceira Revelação da Lei de Deus ou como o Consolador prometido por Jesus. Já Roustaing, apresenta sua obra como a Revelação da Revelação, portanto, como uma etapa superior ao Espiritismo de Kardec. Nas páginas de *Evangelho Segundo o Espiritismo*, encontramos, em relação à terceira revelação, as seguintes palavras:

A lei do Antigo Testamento teve em Moisés a sua personificação; a do Novo Testamento tem-na no Cristo. O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas não tem a personificá-la nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, sim pelos Espíritos, que *são as vozes do Céu*, em todos os pontos da Terra, com o concurso de uma multidão inumerável de intermediários (Kardec, 1997, p. 64).

Contudo, Roustaing em sua obra contesta Kardec, não só quando dá o subtítulo de revelação da revelação a ela, mas também, quando afirma ter sido “levado a empreender, executar e publicar esta obra preparatória da revelação predita e prometida por Cristo, o Espírito da Verdade” (Roustaing, 1983, p. 57).

O Espiritismo possui como princípio a atuação de leis naturais responsáveis pelo ordenamento do universo; leis emanadas do próprio Deus criador; conseqüentemente, assumem um caráter imutável e “erga omnes”, isto é, os seus efeitos atingem a todos os indivíduos indistintamente. Sendo assim, a Lei do Progresso (Kardec, 1989, p. 362-374) expressa em *O Livro dos Espíritos*, impõe-se a todos os espíritos que encarnaram ou irão encarnar. Para a Doutrina Espírita, Jesus constitui o mais perfeito modelo a ser seguido pelo homem (Kardec, 1989, p. 308). Como tal, Jesus encontra-se não só submetido à Lei do Progresso, que implica o desenvolvimento do espírito e também do corpo físico, mas também às leis que regem a reencarnação. Assim, como qualquer outro espírito, para reencarnar, Jesus necessitou de um corpo físico e de um perispírito, fundamentais para sua atuação em nosso planeta, pois segundo a Doutrina dos Espíritos, o homem encarnado é composto de três partes: espírito, corpo e perispírito (Kardec, 1989, p. 104). Jesus como o maior representante de Deus na Terra, não poderia derogar suas leis, dessa forma, possuiu as três partes necessárias a qualquer reencarnação, consoante os princípios espíritas. Como podemos observar, trata-se de uma questão doutrinária da mais alta importância para o Espiritismo, uma vez que envolve aspectos fundamentais da doutrina (leis Naturais, lei do Progresso, reencarnação), não podendo ser encarada como secundária. A menos que se a intenção seja afirmar teses que se opunham aos princípios defendidos por Kardec.

O trabalho de compilação da doutrina espírita efetuado por Kardec baseou-se no que ele denominou de controle universal dos ensinamentos dos espíritos, apresentado na introdução do livro *Evangelho Segundo o Espiritismo* (Kardec, 1997, p. 11-18). O referido princípio tinha por objetivo evitar que o conteúdo doutrinário não ficasse restrito à autoridade de um único espírito ou de um único médium; dessa forma, Kardec submetia ao cruzamento as diversas respostas dadas pelos diversos espíritos a diversos médiuns espalhados pelo mundo. Na contramão desse princípio básico do Espiritismo, o livro de Roustaing

foi elaborado por uma única médium, à senhora Emillie Collignon, fato bastante contestado pelos opositores de Roustaing (Tourinho, 1999, p. 12).

A segunda edição brasileira do livro de Roustaing de 1918 ou 1920⁷, produzida pela FEB trouxe encartada uma série de severas críticas a Allan Kardec e ao seu comentário sobre *Os Quatro Evangelhos de Roustaing* na “Revista Espírita”, de junho de 1866⁸. Essas mesmas críticas foram impressas mais uma vez na terceira edição de 1942, sendo suprimidas, sem explicações por parte da FEB, a partir da próxima edição datada de 1954. Entre as diversas críticas inseridas nesse encarte, destacamos a percepção de Roustaing quanto à recepção de sua obra por parte de Kardec, considerando-a fria, além de insinuar que Kardec possuía pretensões à infalibilidade e ideias preconcebidas, como podemos notar no seguinte trecho:

Applicando o nosso methodo de crítica ao artigo de Junho de 1867, ahi vamos encontrar tudo o que apresentámos á consideração dos leitores, a proposito da introducção do Evangelho Segundo o Espiritismo. Tudo lá está: o fundo, a forma, o ostracismo, a infallibilidade. É a applicação do systema preconcebido a uma obra á qual se faz desde logo o mais bello enterro de primeira classe que se pudera desejar. Na França, em geral, pouco se lê. Os spíritas, habituados, na sua maioria, a aceitar tudo, disseram: O chefe, o mestre certamente applicou a sua contraprova universal aos tres volumes de J. -B. Roustaing. Não podemos por consequente comprar nem lêr uma obra inútil (Roustaing, 1918, p. 50⁹).

Verificamos, além disso, no referido encarte, a pretensão de Roustaing em fundar uma nova igreja universal:

A nossa obra se destina a crear a base e os fundamentos da egreja *una e universal do Christo* para a nova éra. Ella indica os modos e os meios da sua edificação, projectando um novo raio de luz acerca do conhecimento do Pae, do Deus creador, increado, immutavel, *unico* eterno, infinito, e do Filho, conhecimento esse dado aos homens em verdade, de maneira precisa (Roustaing, 1918, p. 72 – o fragmento de texto está grafado conforme o original, com as normas ortográficas vigentes à época).

⁷ Em vários sites e publicações, encontramos como 1920 o ano da publicação da segunda edição de *Os Quatro Evangelhos de Roustaing*; porém, ao visitarmos a Biblioteca Nacional, encontramos em seu acervo a segunda edição datada de 1918 (nota dos autores).

⁸ Essas críticas elaboradas por Roustaing fazem parte originalmente de uma obra intitulada *Les Quatre Évangiles de J.-B. Roustaing. Réponse à ses Critiques et à ses Adversaires. Édité par les élèves de J.-B. Roustaing* (Os Quatro Evangelhos de J. B. Roustaing. Resposta a seus críticos e seus adversários. Editada pelos alunos de J. B. Roustaing), cujo original é constituído de 164 páginas. Inicialmente, foi publicada de forma compacta como prefácio da 2ª tiragem francesa de *Os Quatro Evangelhos*, em 1882, por seus discípulos quatro anos após sua morte. A obra completa foi publicada em brochura no ano de 1883 na França por J. Durand. No Brasil, foi impressa pela FEB com base na tradução da 2ª tiragem francesa de 1882, realizada por Guillon Ribeiro, o tradutor de *Os Quatro Evangelhos* para o português. Foi encartado nas edições da FEB, de 1918/1920 e 1942. Essas informações estão presentes em Martins (2005, p. 414).

⁹ Este fragmento de texto está grafado conforme o original, com as normas ortográficas vigentes à época.

5 FEB e o Roustainguismo

A chegada do Espiritismo e do Roustainguismo no Brasil são separadas por poucos anos, a Doutrina Espírita chegou ao nosso país não mais do que 10 anos após o seu lançamento em 1857. Já em relação ao Roustainguismo, o encontramos sendo estudado e ensinado na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1873 no interior do Grupo Confúcio (Martins, 1987, p. 37).

Em relação às questões enfrentadas pela FEB acerca da sua adesão ou não aos postulados Roustainguistas, verificamos a existência de períodos de apoio explícito às teses de Roustaing e outros de total silêncio. Inicialmente, podemos indicar o seu apoio explícito, quando Bezerra de Menezes, em seu segundo mandato à frente da FEB (1895), incluiu o estudo de *Os Quatro Evangelhos* no interior da federação (Giumbelli, 1997, p. 299; Martins, 1987, p. 49). Tal fato, aparentemente sem grande implicação teórica para o Espiritismo, possui grandes desdobramentos, uma vez que posteriormente daria a mesma importância às obras de Kardec e de Roustaing, no que concerne ao estudo e à difusão do Espiritismo (Martins, 1987, p. 49).

A FEB não nasceu Roustainguista e, além disso, no primeiro momento, foi criada com o objetivo de apenas divulgar o Espiritismo por intermédio das páginas do Reformador (Giumbelli, 1997, p. 63-64), baseado na descrição dos objetivos da Federação, divulgada na capa do primeiro número do Reformador impresso em 15 de janeiro de 1884. Segundo o Reformador, o seu objetivo era “a propaganda ativa do Espiritismo pela imprensa e por conferências públicas” (Reformador, 1884, p. 1).

O início do século XX viu nascerem várias tentativas de unificação do movimento espírita brasileiro, algumas capitaneadas pela FEB, que para atingir esse objetivo, passou a realizar mudanças em seus estatutos. A primeira mudança ocorreu em 1901, visando, entre outros objetivos, implementar, de forma efetiva, o sistema federativo em que se faria, em torno dela, a filiação das agremiações espíritas espalhadas pelo país (Cinquentenário [...], 1999, p. 7).

Em outubro de 1904, por ocasião do centenário de nascimento de Allan

Kardec, sob a direção da FEB, representantes de núcleos espíritas de vários Estados da União assinaram um documento, que mais tarde ficou conhecido como “Bases de Organização Espírita”, o qual representava uma tentativa de orientar a marcha do Movimento Espírita no Brasil (Cinquentenário [...], 1999, p. 7). Nesse documento, percebemos a tentativa explícita da direção da FEB em formalizar o estudo do livro de Roustaing colocando-o em pé de igualdade com o *Evangelho Segundo o Espiritismo* de Kardec sem esquecermos de todos os desdobramentos futuros, além de reforçar seus objetivos federativos:

Os espíritas do Brazil, tendo em vista a conveniencia de uma organização geral da propaganda, sobre bases homogêneas, e: [...]

Resolveu:

Empregar desde já todos os esforços para a criação na capital de cada Estado da União Brasileira, de um Centro calcado nos moldes da Federação do Rio de Janeiro, tendo por fim promover a organização e filiação de associações de estudo e propaganda em todo o Estado. Taes instituições, adherindo ao programma da Federação Espírita Brasileira, a ella se filiarão com as respectivas associações subsidiarias, sem nenhuma relação de dependência disciplinar, mas unicamente com intuitos de confraternização e unidade de vistas.

Em todas essas agremiações o programma consistirá: [...]

c) para a parte moral, no estudo dos Evangelhos, adoptando O Evangelho segundo o Espiritismo os que assim o entendem, ou Os Quatro Evangelhos, ou Revelação da Revelação, dada por J. B. Roustaing, os que o preferirem, em todos esses estudos permitindo-se sempre a permuta de opiniões, para perfeito entendimento das questões tratadas. [...]

O presente programa será remetido por copia a todas as sociedades espiritas do Brazil e aos espiritas militantes, onde não as haja, a fim de ser tentada a sua approvação e consecutiva realização.

Sala das sessões da Federação Espirita Brasileira, no Rio de Janeiro, em 1 de outubro de 1904. [...] (Bases de Organização Espírita, 1908, p. 169-175, grifos nossos).

Um ano depois, em 1905 novas alterações estatutárias foram realizadas, visando fortalecer as tendências federativas conforme a Federação havia acenado, com a formulação das Bases da Organização Espírita. A FEB passou a apresentar-se como defensora das federadas a ela ligadas e, ao mesmo tempo, coloca-se como cuidadora das práticas espíritas e das atividades dessas afiliadas (Garcia, 2020, p. 263-264).

Em 1912 foi implementada a maior reforma estatutária na história da FEB, quando o estatuto passou de 74 artigos para 126, aparecendo apenas um capítulo destinado a disciplinar as relações entre a Federação e suas afiliadas, surgindo, aqui, também o Centro Federativo, precursor do Conselho Federativo Nacional

(CFN) hoje vigente (Garcia, 2020, p. 265-267). Cada vez mais, a FEB por meio dessas sucessivas mudanças estatutárias procurava coordenar e concentrar o poder em suas mãos, cabendo a ela, inclusive, o direito de eliminar membros a ela filiados e, também, a escolha da maioria dos membros do Conselho Deliberativo, além de determinar o seu funcionamento operacional.

Após cinco anos, ou seja, em 1917, uma nova revisão estatutária é implantada. Nessa revisão, finalmente, foi colocado, de forma plena, o estudo da obra de Roustaing na documentação mais importante da Federação. No Art. 2º, é estipulado que nas reuniões doutrinárias da Federação deveriam ser estudadas as obras de Allan Kardec e de J. B. Roustaing (Garcia, 2020, p. 269).

Além de todo mal-estar criado entre muitos dos membros do Movimento Espírita Brasileiro, em relação à inclusão de Roustaing nos estatutos, podemos destacar, de forma muito sucinta, os conflitos gerados em razão da desunião no interior do Campo Espírita Brasileiro e da alegada inoperância da FEB na conduta do movimento na visão de seus opositores.

Um dos principais eventos, senão o principal, em relação à disputa ocorrida no interior do Campo Espírita Brasileiro, foi a constituição e consolidação de uma oposição institucional à FEB, surgida na cidade do Rio de Janeiro, com a fundação da Liga Espírita do Brasil (LEB)¹⁰, em 1926, formada por representantes de instituições não filiadas e opositoras à FEB, sediadas no Rio de Janeiro. Fato esse decorrente da alegada inação da FEB, na visão dos seus opositores, quanto a não aprovação das emendas referentes ao ensino religioso e à tentativa de consolidação da religião católica como “religião do povo brasileiro” por parte das elites católicas, tendo em vista a revisão da Constituição Brasileira de 1925-1926. Essa atividade no interior do Movimento Espírita ficou conhecido como Constituinte Espírita Brasileira (1925), responsável, entre outras coisas, pela fundação da Liga Espírita do Brasil¹¹.

¹⁰ Fundada em 31 de março de 1926, durante o Primeiro Congresso Constituinte Espírita Nacional, realizado na cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente, com o advento do Pacto Áureo, teve a sua denominação modificada para Liga Espírita do Distrito Federal, passando a integrar a organização federativa coordenada pela FEB, como membro do Conselho Federativo Nacional (CFN). Com o passar dos anos, sua denominação foi alterando-se até chegar à atual: Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro (Cinquentenário [...], 1999, p. 7).

¹¹ Movimento formado por membros do movimento espírita, o qual visava à unificação deste, inicialmente com uma entidade que substituiu a FEB. Mas a iniciativa acabou reduzindo-se apenas ao limite de uma Assembleia, realizada

Em 5 de outubro de 1949, foi assinado, na cidade do Rio de Janeiro, com a presença de dirigentes espíritas de várias federações e uniões de nível estadual e nacional, um acordo para tentar pôr fim às históricas divergências que ocorriam no Movimento Espírita, o qual posteriormente passou a ser conhecido como Pacto Áureo, reunião denominada pela revista *Reformador* como “o evento de mais alta significação da história do espiritismo brasileiro” (Cinquentenário [...], 1999, p. 3-12). Esse sentimento de relevância é encontrado em todos os lugares no interior do Campo Espírita Brasileiro, em que o evento é festejado como o símbolo maior da união do Movimento Espírita Brasileiro. Destacamos como fundamental para o entendimento dos fatos aqui relacionados à inclusão na ata do Pacto, logo no seu primeiro item: “1º) Cabe aos espíritas do Brasil, porém, em prática a exposição contida no livro *Brasil Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do espiritismo” (Federação Espírita do Paraná, 2009, p. 54). Mais tarde, essa recomendação será incluída nos estatutos da FEB.

Em meio às muitas lutas entre os diversos grupos que compunham o Campo Espírita Brasileiro em busca da supremacia no seu interior, encontramos a FEB lançando um dos mais importantes livros editados por ela em todos os tempos, indicado, no meio espírita, como um marco da literatura espírita, *Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho* (1938), citado nominalmente no “Pacto Áureo”, encontramos a seguinte passagem referente à Roustaing e seu papel junto a Kardec:

Foi assim que Allan Kardec, a 3 de outubro de 1804, via a luz da atmosfera terrestre, na cidade de Lião. Segundo os planos de trabalho do mundo invisível, o grande missionário, no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares da sua obra, designados particularmente para coadjuv-lo, nas individualidades de João-Batista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé; de Léon Denis, que efetuará o desdobramento filosófico; de Gabriel Delanne, que apresentaria a estrada científica e de Camille Flammarion, que abriria a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes, cooperando assim na codificação kardeciana no Velho Mundo e dilatando-a com os necessários complementos (Xavier, 1998, p. 124-125).

A respeito da passagem descrita acima, sobre a colaboração de Roustaing

em 31/3/1926, da qual resultou a fundação, na mesma data, da Liga Espírita do Brasil, a qual se propunha também a federar as instituições espíritas (Cinquentenário [...], 1999, p. 7).

nos trabalhos dirigidos por Kardec, encontramos, no meio espírita, intenso debate a respeito da possibilidade de interpolação ou não dele, por parte da FEB, nessa obra psicografada por Chico Xavier. Rumores a esse respeito são encontrados desde o início da década de 1940, refletindo, assim, o caloroso debate em torno das questões roustainguistas no campo espírita brasileiro, responsável por interpretações polêmicas de ambos os lados (Pires; Abreu Filho, 1973; Silva, 1995).

Encontramos novas e relevantes mudanças nos estatutos da FEB no ano de 1954 em relação às questões envolvendo a anterior inclusão de Roustaing, principalmente com a inclusão do livro *Brasil Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, em que encontramos, de modo muito claro, a elevação de Roustaing a missionário membro da equipe de Kardec, conforme vimos logo acima. No Art. 122 podemos ler: “Art. 122. O Conselho fará sentir a todas as Sociedades espíritas que lhes cabe pôr em prática a exposição contida no livro ‘Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho’” (Garcia, 2020, p. 292).

No Art. 64, constante do capítulo IX, do Departamento Editorial encontramos: “Art. 64. Os fundos acima estipulados serão aplicados à edição e venda, por conta própria, das obras espíritas, preferencialmente das de Allan Kardec e J. B. Roustaing” (Garcia, 2020, p. 290-291).

Como podemos perceber, mais uma vez a tentativa por parte da Federação em criar uma equivalência entre Kardec e Roustaing quando estabelece a preferência em seus estatutos para a venda de livros espíritas desses dois autores.

As mudanças estatutárias de 1991 e 2003 não teriam significados tão relevantes, a não ser pela criação de uma disputa judicial em relação a tentativa de se retirar da citação de Roustaing do Estatuto Febiano, a qual duraria um pouco mais de 10 anos. A Federação ao instalar sua assembleia no ano de 2003, a fim de deliberar sobre as adequações obrigatórias do seu estatuto ao novo Código Civil Brasileiro, também a respeito da retirada do parágrafo único do Art. 1º, que versava sobre a obra de Roustaing, teve sua reunião sustada em razão de uma liminar em processo cautelar, implementada pelo sócio efetivo Luciano dos Anjos, que obrigou a assembleia, já reunida, a retirar da sua pauta o item

referente a Roustaing (Garcia, 2020, p. 293-295). Somente em 2013, o imbróglio judicial foi resolvido em favor da FEB, dessa forma, ficando aberto o caminho para a almejada alteração estatutária. Finalmente, no ano de 2019, mais precisamente no dia 10 de agosto, em assembleia constituída com esse fim exclusivo, os sócios aprovaram a eliminação do parágrafo único do Art. 1º, retirando a citação a Roustaing.

6 À Guisa de Conclusão

Portanto, foram necessários mais de 100 anos para, apenas aparentemente, Roustaing sair dos estatutos febianos. Por que apenas aparentemente? O Art. 63 do referido estatuto ainda continua “ordenando” ao Conselho Federativo Nacional fazer com que todas as associações espíritas do Brasil ponham em prática as exposições contidas no livro Brasil, *Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. Como vimos anteriormente nesse livro, Roustaing é encarado como missionário da fé e membro efetivo da equipe de Kardec.

Como pudemos observar ao longo do tempo, a direção da FEB, por meio de constantes mudanças estatutárias, acabou por inserir o Roustainguismo como parte integrante e oficial do “Espiritismo Brasileiro”. Esse fato ganhou muita importância na história do Espiritismo no Brasil, pois deu causa a grandes embates no interior do Movimento Espírita Brasileiro, chegando mesmo a causar defecções, tanto por parte de algumas instituições espíritas quanto de membros de forma individual. A fim de entendermos a gravidade dessas ações, mais uma vez, chamamos a atenção para o estudo profundo que realizamos na dissertação já mencionada nesse artigo (Amorim, 2011).

A importância do Roustainguismo como instituidor do caráter vinculado ao Espiritismo institucionalizado no Brasil impõe a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, o estudam ou participam como integrantes do movimento, atenção máxima aos desdobramentos causados pela implantação e posterior “retirada” da obrigação do estudo dos *Quatro Evangelhos*, uma vez que, esses fatos ainda reverberam de forma candente junto aos dirigentes máximos do movimento, ligados de forma visceral a FEB. Basta lembrar a permanência do Art. 63 do atual estatuto. O futuro dirá como o Roustainguismo seguirá no

interior do Movimento Espírita Brasileiro se de forma institucional, ligado a FEB ou por meio de Centros Espíritas não federados, ou ainda, como opção individual de seus membros. O fato é que ele permanecerá por muitos anos tanto na memória afetiva dos membros do Campo Espírita Brasileiro, conscientemente ou não, quanto em razão da sua permanência nos estatutos direta ou indiretamente. Dessa forma, não se pode esquecer que o endosso da FEB à obra de Roustaing deu ensejo a muitas disputas, nas quais o componente doutrinário compôs-se com projetos distintos àquela instituição no terreno político e na própria identidade do movimento espírita.

REFERÊNCIAS

AUBRÉE, Marion; LAPLATINE, François. **La table, le livre et les esprits**. Paris: JC Lattès, 1990.

AMORIM, Pedro Paulo. **Renovação Cristã**: de Kardec a Lutero – o papel do livro na cisão do Movimento Espírita Brasileiro (1949 – 2010). 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

BASES DE ORGANIZAÇÃO ESPÍRITA. **Reformador**, Rio de Janeiro, 1º de junho de 1908, Ano XXVI, n. 11, p.169-175.

CARNEIRO, Victor Ribas. **ABC do Espiritismo**. Curitiba: FEP – Federação Espírita do Paraná, 1996.

CINQUENTA POR CENTO DOS BRASILEIROS SÃO CATÓLICOS. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 28 set. 2023.

CINQUENTENÁRIO DO PACTO ÁUREO. **Reformador**, Rio de Janeiro, n. 2047, p. 7, out. 1999.

DAMAZIO, Sylvia. **Da Elite ao Povo**: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DOYLE, Arthur Conan. **História do Espiritismo**. São Paulo: Pensamento, 1978.

FEDERAÇÃO ESPIRITA DO PARANÁ. **Pacto Áureo**: A vitória da fraternidade. Curitiba: Federação Espírita do Paraná, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque Holanda. **Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 1 CD-Rom.

GARCIA, Wilson. **Ponto Final**: O reencontro do espiritismo com Allan Kardec. Capivari-SP: Editora EME, 2020.

GIUMBELLI, E. **O cuidado dos mortos**: Uma história da condenação e legitimação do Espiritismo, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1997.

IBGE. **Panorama**. 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

KARDEC, Allan. **A Gênese**. Rio de Janeiro: FEB, 1980.

KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 1997.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

KARDEC, Allan. **Revista Espírita**: Jornal de Estudos Psicológicos – Nono Ano – 1866. Araras: IDE, 2001.

MARTINS, Jorge Damas. **História de Roustaing**. 1987.

PIRES, José Herculano; ABREU FILHO, Julio. **O verbo e a carne**: 2 análises do Roustaingismo. São Paulo: Edições Caibar, 1973. p. 61 - 62.

REFORMADOR. Rio de Janeiro, 15 de jan.1884. Ano I, n. 1, p. 1.

ROUSTAING, Jean-Baptiste. **Os Quatro Evangelhos**: Revelação da Revelação. v. 1. Rio de Janeiro: FEB, 1918.

ROUSTAING, Jean-Baptiste. **Os Quatro Evangelhos**: Revelação da Revelação. v.1. Rio de Janeiro: FEB, 1983.

SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo**: uma religião brasileira. Campinas: Editora Átomo, 2004.

SILVA, Gélvio Lacerda da. **Conscientização Espírita**. Capivari-SP: EME Editora, 1995. p. 74-94.

TOURINHO, Nazareno. **As tolices e pieguices da obra de Roustaing**. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 1999.

WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. **Allan Kardec**: o educador e o codificador. V. 1. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

XAVIER, Francisco Cândido. **Brasil coração do mundo pátria do evangelho**. Rio de Janeiro: FEB, 1998. p. 124-125.